

Viagens Rizomáticas: pegadas das figuras nômades pelos garimpos de Mato Grosso na década de 1940.

Clementino Nogueira de Sousa*

Caminhar pela cidade de Cuiabá, significa, a cada instante, marcar a sua errância, de bar em bar, de bordel em bordel, de garimpo em garimpo, momento em que se vai constituindo uma cartografia do desejo a partir de suas próprias práticas de vida. Significa, também conectar a subjetividade com o devir, compondo dessa forma, um quadro de multiplicidades, que modulam vidas infames que caminham entre os saberes e os poderes, atizando fogo nas essencialidades, através de seu princípio de afirmação diferencial (Orlandi, 2004; p.127)) .Com efeito, . Desta forma, o objetivo é seguir as pegadas, os rumores, as gargalhadas, os gritos, as lágrimas, as paixões, os sonhos dessas figuras que, possivelmente, caminharam pela cidade de Cuiabá e pelas cidades garimpeiras, que pulsavam a cada instante entre a vida e a morte. É nesses instantes de tempo arborescente que o corpo escapa dos órgãos formando um corpo sem órgãos, e começa a desaparecer todo um processo de rostificação e entra provavelmente em outro regime imperceptível de devires subterrâneo, “*desterritorializações noturnas que transpõem os limites do sistema significante*”(Deleuze; 1995; pp.24,25). Foi talvez nesses instantes relâmpagos que algumas pessoas ouviram alguns palavrões na porta do cinema da cidade de Cuiabá-MT.

Naquela noite, 31 de maio de 1946, terminava, às 23h, a última sessão do Cine Teatro de Cuiabá¹. Provavelmente exibindo um filme “*Em cada coração, um pecado*”. O público começava a se retirar da sala, quando de repente, ouviu-se uma gritaria na porta do cinema. Uma mulher e um homem trocavam palavrões na frente de todos que estavam saindo naquele momento. As pessoas ouvindo aqueles insultos ficaram escandalizadas com a cena. Nesse momento, os funcionários do cinema intercederam no jogo de palavras entre os dois. Após essa intervenção, Sebastiana resolveu descer a Avenida Getúlio

*Clementino Nogueira de Sousa prof^o Mestre do departamento de História da Universidade do Mato Grosso-UNEMAT

¹ APMT-Cartório do Sexto Ofício- Apelação Criminal, 1946

Vargas e parou na esquina do Jardim Alencastro. Instante em que se aproximou dela um soldado do exército, convidando-a para tomar uma cerveja no Bar Colorido, localizado na Rua Tenente Coronel Duarte, em frente à Praça da Guarda Nacional. Ela aceitou o convite e se dirigiram para lá, entretanto, ao passarem pela ponte do córrego da Prainha, perceberam alguns motoristas conversando, os quais fizeram algumas insinuações ao casal. Sebastiana, no entanto, bastante calma contornou a situação, o que facilitou a travessia com tranqüilidade. Ao chegarem ao salão do Bar Colorido ouviram o grito de um homem: “*número 33*”. Tratava-se de um jogo de víspera que, naquele momento, concentrava a atenção de todos os presentes. A clientela que freqüentava aquele espaço variava entre motoristas, garimpeiros, seringueiros, caixeiro viajantes, trabalhadores da construção civil e, fundamentalmente, soldados militares, investigadores de polícia, etc. Sentaram-se em uma das mesas e pediram uma cerveja ao garçom. Aproximou-se deles sua amiga Rosa. Permaneceram no Bar Colorido até meia-noite, quando já saíram com seus parceiros para outros bares e, finalmente, para seus respectivos aposentos ².

O quarto que Sebastiana alugava ficava na Rua 27 de dezembro (Beco do Candieiro-localizado na zona de baixo meretrício). Era um quarto bem pequeno³, equipado com uma cama, um guarda-roupa, um espelho médio, uma moringa, lençóis brancos, etc. No momento seguinte, seu parceiro tirava a roupa, enquanto ela, abaixando-se, retirava debaixo da cama, uma bacia. A seguir, colocou água e a recolocou no lugar onde estava.

Já era 1h da manhã quando o seu parceiro, naquela noite, deixou certa quantia em dinheiro. Sebastiana deitou-se novamente, mas não conseguia dormir. Havia perdido o sono. Levantou-se e dirigiu-se ao quarto da Rosa, que também não conseguia dormir. Assim, resolveram sentar na cama e Rosa começou a contar a experiência vivida naquela noite. Entretanto, percebeu que Sebastiana ficou quieta. Silenciosa. Rosa perturbada com o comportamento da amiga gritou. Sebastiana voltou a si e começou a explicar a sua amiga do que se lembrava, isto é, que sua cabeça estava voltada, para seus passos de bar em bar, de bordel em bordel, pelos garimpos de Mato Grosso.

² Idem

³ Informação retirada de um Inquérito Policial sobre o suicídio de uma prostituta ocorrido no Beco do Candieiro. O delegado de polícia relacionou todos os bens da vítima que havia em seu quarto para pagar as supostas dívidas com o dono do Bar.

É a partir dessa narrativa que seguirei os passos dessas figuras que perambularam pela cidade de Cuiabá e pelas cidades garimpeiras que tentarei abordar algumas questões fundamentais para uma história genealógica e rizomática. Dar visibilidade e dizibilidade às pegadas desses sujeitos nômades significa pensar a genealogia-rizomática como efeito de determinadas práticas e linguagens. Portanto, não me interessa seguir as evidências do discurso historiográfico arborescente, que classifica a história como impensável se não tiver determinadas premissas e hipóteses fundamentais. Nesse caso específico, as premissas fundantes, o contexto: obrigatoriedade de mostrar uma cidade panarômica, a marcha para o oeste, o plano rodoviário nacional, deslocamento populacional, como hipóteses fundamentais para compreendermos esse momento histórico etc. Mas, será que esses contextos darão conta de explicar essa cartografia do desejo, constituídos pelas práticas desejanter dessas figuras?

Neste sentido, as reflexões de Deleuze e Foucault inspiram-me a pensar outras possibilidades de compreendermos tais movimentos. Para Deleuze a figura nômade “*só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípios, os pontos são para ele alternância num trajeto, ou formar um conjunto comum; deixando, contudo, de ter causas e condições muitos diferentes. (1995; p.50,51)*” Tal reflexão me levar a compreender que a itinerância dessas prostitutas não se sustenta pela explicação realista e contextualista, ou seja, as grandes coordenadas econômicas e políticas. Neste sentido essa abordagem desse filósofo me ajuda a pensar que tais deslocamentos pela cidade e pelos garimpos são efeitos de uma força desejanter.

Cuiabá foi uma cidade de passagens dessas figuras que saíram de seus Estados (Ceará, Sergipe, Bahia, Maranhão), corridas de suas cidades, às vezes por ter matado seus maridos, às vezes para fugirem da violência, às vezes por abandonar um noivo no altar etc. Algumas delas ficavam na capital, outras já partiam para as cidades garimpeiras. Todavia, partirmos do pressuposto que Ana Rosa e Sebastiana embarcaram numa jardineira e foram direto para a cidade de Poxoréu-Mt

A constituição de configurações espaciais do desejo na cidade de Poxoréu na década de 1940 são efeitos das mutações e transformações do modelo de cidade que ora se consolidava no Brasil. Essa mudança afetava a organização de um garimpo. Aparentemente a organização de um garimpo, dependia apenas de uma marcha de

homens e mulheres em busca de riquezas e de realizar seus sonhos etc. Ou seja, não era somente comerciantes, garimpeiros, prostitutas que corriam para o garimpo.. O Estado era a peça fundamental nesse novo cenário. Ele estava representado pela presença da polícia e conseqüentemente pela imagem de um bordel, de uma igreja, de uma farmácia, a divisão espacial das barracas dos garimpeiros tinha uma estratégia disciplinar.

Neste sentido, os espaços de sociabilidade apareciam enquanto casa de diversão, esse nome dado para as autoridades, pois o funcionamento de prostíbulo era proibido por leis. Era nesse espaço do cabaré que existia já uma divisão: em primeiro lugar, onde se vendia bebida, provavelmente um balcão. Em segundo lugar ficava o espaço do jogo de baralho e talvez no fundo os quartos para as prostitutas receberem os seus clientes. Arquitetura semelhante a de Cuiabá, bem como de outras cidades brasileiras deste período. Assim, seguir as pegadas de Sebastiana e Rosa nesta localidade é o limite para o historiador, pois dificilmente encontrará documentação onde as duas personagens estejam envolvidas, mas ele não está a procura de pessoas, ao contrário, ele segue os passos deixados pelas práticas desejantes que tanto poder ser elas ou outras figuras femininas pela cidade de Poxoréu e suas povoações.

A documentação trabalhada, os processos crimes, permite-me a pensar em outras maneiras de narrar à história, não história das aventuras dos garimpeiros, mas a história dessas figuras que perambulavam pelos garimpos em busca de amor, paixão e dinheiro, ou muitas vezes como uma linha de fuga de seus relacionamentos. Outro detalhe importante, é capturar os sonhos, as ilusões dessas mulheres que navegaram por esses garimpos e cidades. A questão, portanto, é como capturar esses passos, essas caminhadas, esses desencontros e encontros dessas figuras

O caso exemplar que ocorreu nessa cidade foi o caso de José Sudário que após chegar de viagem, simplesmente encontrou a sua mulher com outro homem na sua cama em pleno ato de amor. O importante não é condenar ou absolver a mulher, ao contrário, mas construir outras possibilidades de leitura para escaparmos das evidências produzidas pelos discursos masculinos que constituem comportamentos femininos nos garimpos semelhantes ao das cidades. O que me interessa nesse caso, é analisar os discursos que constituíram as regras de comportamento. Neste sentido a informação que o réu prestou em seu depoimento é exemplar para nossa problematização: ele diz textualmente

que quando surpreendeu a sua esposa com o seu irmão em ato sexual, ela estava em cima dele. Quais sentidos essa afirmação têm ? O que têm a haver essa posição sexual com o modelo feminino?

Outro detalhe, num dos relatos das testemunhas, ela informa que ouviu gritos dentro do barraco porque o seu barraco era colado com o da vítima. Eis, uma questão interessante, o público e o privado num garimpo, como isto funcionava? Se a maioria dos barracos eram colados, isto significa que qualquer movimento, gemido, voz era ouvido pelo vizinho. Isto nos remete a seguinte indagação: nessas cidades garimpos, cada um, detinha informação sobre a vida íntima de seus vizinhos. Ou seja, a vida privada tinha determinados privilégios de ser domínio público. As brigas familiares, as relações, as conversas, tudo era ouvido de uma certa maneira pela vizinhança.

Vejam o caso que ocorreu na cidade para melhor ilustrarmos a nossa hipótese sobre cidade de garimpo. Manoel da Conceição, garimpeiro, resolveu aventurar-se pelo leste de Mato Grosso, exatamente na cidade de Poxoréu, onde, segundo as notícias, tinha muitos diamantes⁴. Além da cidade de Poxoréu, existiam as povoações que foram criadas pelos garimpos, Alto Coité. Manoel já instalado nesta povoação conheceu Arlinda, famosa no garimpo como “senhora”. Rapidamente envolveram-se por uma paixão avassaladora. Passaram a se encontrar numa barraca vizinha. Esse caso logo passou a ser de domínio público no garimpo. Insatisfeitos com essa situação, Arlinda e Manoel resolveram matar o marido dela, cujo assassinato ocorreu numa noite, quando Manoel penetrou na barraca, com a ajuda de Arlinda e deu duas facadas na vítima, que veio a falecer rapidamente. Resolveram, então, jogar o corpo num buraco que tinha no terreiro da barraca e, lá, o enterraram.

Essa trama amorosa, esse caso envolvendo essas pessoas, merece uma atenção por parte do historiador, principalmente, formulando problemáticas para operar com essa documentação, tão simples e tão complicada ao mesmo tempo. O primeiro ponto que fica bem evidente: nesse espaço de garimpo já existiam muitas mulheres, seja morando com garimpeiros, seja apenas visita passageira das prostitutas da cidade. Como problematizar tal documentação? Embora as testemunhas tenham apontado as declarações somente

⁴ APMT- Cartório do Sexto ofício- sumário crime – homicídio, 1945

fundamentadas no “ouvi dizer”, surge pistas interessantes sobre esse universo dessas povoações.

Antonio foi o segundo depoente a informar ao delegado que Abel havia desaparecido do garimpo Alto Coité, pois havia se casado no civil, em Lageado, com Arlinda. Portanto já tinham 12 anos de casado⁵. Apenas quero acrescentar o deslocamento de garimpeiros com suas famílias de cidade em cidade, ou seja, bastava surgir um lugar com diamantes, eles se encaminhavam em sua direção. Outro relato interessante é Balbino informando ao delegado que, naquela localidade, todos sabiam dos casos de Arlinda com diversos homens.

Por outro lado, o depoente informa que Abel era um homem cumpridor dos seus deveres enquanto marido. O detalhe mais importante talvez seja o de José Borges, ao afirmar o aparecimento na cidade, Manoel da Conceição, Arlinda e seus filhos, logo de manhã, pedindo um quarto para alojá-los. José Borges colocou a disposição deles um rancho que ficava ao lado do seu comércio, tempo suficiente para Manoel da Conceição voltar ao garimpo de Alto Coité para buscar suas coisas:

Que Manoel da Conceição deixára no dito rancho a mencionada mulher, e saíra em direção ao garimpo da Barra do Coité, dizendo ir ali buscar algumas galinhas e objetos que pretendia vender para arranjar dinheiro, pois intencionava viajar para o Garça; que tendo Manoel da Conceição se afastado apareceu individuo de nome José, também conhecido vulgarmente por “barriguinha”, que entrou no rancho onde se achava a mulher em apreço, sendo por esta recebido com alegria, dando ambos inicio a uma bebedeira, resultado ficaram complementemente embriados”⁶.

A imagem da Arlinda, assim, foi construída como uma mulher pervertida, além de se envolver com vários homens do garimpo, incitar o seu amante a matar o seu marido, volta par cidade e na primeira ausência do outro, envolve-se com outro conhecido. Recorro novamente a outra experiência para darmos visibilidade a esta lógica do negativo a estas práticas desejanter dessas figuras.

José Pereira, morador do distrito de Poxoréu, num rancho próximo, resolveu, sentimentalmente, convidar Olivia para morar junto, mesmo sabendo que ela tinha “maus precedentes”. Ela aceitou o convite e prometeu respeitá-lo. Todavia, tal promessa

⁵ Idem, Ibidem pág.06

⁶ Idem, Ibidem pág.08

durou pouco, bastou seu marido viajar por dez dias, ela se entregou nos braços do seu cunhado⁷.

Viveram momentos maravilhosos durante esses 10 dias, quando numa bela manhã, retornou para a sua casa José Pereira e encontrou a sua amasia, *jogada em cima do corpo do seu irmão*. Diante daquela cena, ele exclamou: *bonito papel!* A versão apresentada por Olívia, na polícia, era totalmente diferente da de seu amásio, sempre sustentando que não tinha nada com o irmão dele. No momento em que ele chegou, ela tinha preparado o jantar e, apenas, havia chamado o seu irmão que estava tocando uma sanfona no seu quarto. Nisso surgiu o seu amásio dizendo: “daqui ninguém sai” e começou atirar em seu irmão.

A questão, portanto, não é saber se houve ou não a traição. Não é esta evidência que me interessa nessa análise. O que me interessa são os enunciados: “mulher de maus procedimentos” e *estava jogada em cima do corpo do seu irmão*. Assim a idéia é explorar esses enunciados e a sua própria constituição. Ou seja, ele sabia que ela pertencia ao mundo da prostituição, provavelmente vivia de garimpo em garimpo se prostituindo de bordel em bordel, mas, mesmo assim, com a promessa de fidelidade, ele resolveu confiar nela. Aqui não importa se mente ou não o acusado. O que importa, nesse caso, é que o me leva a pensar em outras experiências de figuras masculinas que se apaixonaram por “mulheres solteiras”, se casando com elas, alguns viveram muito tempo, outros viveram intensamente o momento ET

Albuquerque Junior, Durval Muniz – História : a arte de inventar o passado. Bauru. SP: Edusc, 2007

Deleuze, Gilles e Guattari, Félix – Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia; tradução de Neto, Aurélio Guerra et alii – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do Sujeito*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca, Salma Muchail. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

⁷ APMT - Cartório do sexto ofício - sumário crime- homicídio 1940

_____. *Ética, Sexualidade, Política*. Organização de Manoel de Barros Motta. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro. Forense Universitária,

_____. *O cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica: José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1985.

KEHL, Maria Rita. “As máquinas falantes”. In: Novaes, Adauto (organizador). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo. Companhia das Letras,

Pal Pelbart, Peter – A potência de não .In: Furtado, Beatriz e Lins, Daniel (orgs) – *Fazendo Rizoma : pensamento contemporâneo* .São Paulo, Hedra, 2008

Rago, Margreth - Libertar a História . In: Rago, Margareth, Orlandi, Luiz B. Lacerda, Veiga-Neto, Alfredo (orgs)-*Imagens de Foucault e Deleuze*-Rio de Janeiro: DP&A, 20